

MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIA EM *PONTOS DE FUGA*, DE MILTON HATOUM**RESISTANCE MEMORIES IN *PONTOS DE FUGA*, BY MILTON HATOUM**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n2p84-98

Jaciele da Silva Santos¹

*Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa
Chico Buarque e Milton Nascimento, “Cálice”.*

Resumo: O trabalho busca compreender como se constroem, no romance *Pontos de fuga* de Milton Hatoum, as memórias de resistência de jovens de classe média entre 1972 e 1980. Para tal, mobilizamos as discussões acerca da memória como elo entre passado e presente, a qual se configura como presença/ausência constante na vida do sujeito. A rememoração, por meio da escrita, torna-se um ato de resistência do individual para o coletivo, que busca ressignificar a história, reinventar a cotidianidade, atenuando os impactos sofridos pela repressão.

Palavras-chave: Memória; repressão ditatorial; romance contemporâneo.

Abstract: The paper seeks to understand how they are constructed, in romance, *Pontos de fuga* of the Milton Hatoum the memories of resistance by middle-class youths between 1972 and 1980. For such, we mobilize the discussions about of the memory, how bond between past and present, which is configured as presence/absenc, constant in the subject's life. The remembrance, through writing, becomes an act of resistance of the single to collective, which seeks to reframe history, reinvent everyday life, attenuating the impacts suffered by repression.

Keywords: Memory; dictatorial repression; contemporary romance.

Introdução

Milton Hatoum, escritor amazonense de grande prestígio, ganha seu público por um estilo de escrita que relaciona memória e cultura de forma a construir uma narrativa que, por meio das vivências individuais de seus personagens, revela experiências coletivas de grande

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGL na Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. Professora da Educação Básica, SEDUC-TO. Membro do Grupo de Estudos do Sentido – GESTO. E-mail: jacyla03ale@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1131-4764>

impacto social. Colecionador de prêmios², atualmente, vem trabalhando na trilogia *O lugar mais sombrio*, da qual já lançou dois livros - *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019) fazendo seus leitores e críticos aguardarem pelo fechamento ou não desse enredo. Caracterizado como romance de formação, a trama polifônica traz como personagem principal Martim, também narrador, o qual tem sua vida envolvida por percalços pessoais e conflitos de ordem política e social, ao se ver em meio à ditadura civil brasileira.

Para este artigo, focaremos no segundo livro da trilogia, *Pontos de fuga*, por apresentar no enredo as memórias de jovens estudantes do período de 1972 a 1980 e, ainda explicar alguns acontecimentos relativos a prisão dos colegas de Martim ocorrida no primeiro livro. Nesse romance, há predominância da primeira pessoa e excertos de outras que não somente Martim, uma vez que Hatoum faz ecoar vozes de diferentes personagens, por meio de cartas e diários que o personagem principal furta dos amigos. Assim, o narrador, quando exilado, revisita diários e epístolas de seus colegas da UNB e da USP e reescreve-os, ressaltando uma memória coletiva de medo, silenciamento, exílio e resistência. Quando usa as cartas e anotações dos colegas, segue uma cronologia, a qual é intercalada pelas memórias do exílio dos outros personagens e as suas.

A multiplicidade de vozes que aparece no romance ao intercalar tempos e espaços distintos, sem obedecer necessariamente a uma linearidade, reforça uma tomada de posição do autor, que optou por apresentar as agruras de estudantes do período de exceção brasileiro, a partir do olhar de um exilado. Essa escolha narrativa, fragmentária, não linear, polifônica característica dos romances contemporâneos nos leva a refletir sobre como o processo histórico impactou vários sujeitos, sob o ponto de vista deles mesmos. De acordo com Jaime Ginzburg (2012, p. 205), a partir da difusão das teorias pós-coloniais a produção literária tende a ressignificar a história, trazendo à tona outros pontos de vista, como os daqueles marginalizados e silenciados, ou seja, há um rompimento com a ideia de verdade absoluta, cedendo espaço para o constante debate a respeito dos fatos e a incorporação de uma linguagem polissêmica.

Desse modo, buscaremos compreender como se constroem, na memória coletiva e individual, as resistências cotidianas de jovens de classe média no período ditatorial, refletindo sobre como lidam com questões referentes a repressão, censura, prisões, torturas,

² Prêmio Jabuti 1990, 2006 com os romances: *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*; Prêmio Portugal Telecom de Literatura (2006) também com o romance *Cinzas do Norte*; Ordem do Mérito Cultural (2008) em reconhecimento a sua contribuição cultural ao Brasil.

desaparecimento, exílio. Essa resistência é ressaltada por meio das memórias de Martim e de seus colegas, estudantes e atores do período ditatorial brasileiro, que, conforme a epígrafe “O sonho dessa geração, aviltado / Na lama, na luz suja da segunda-feira...” (HATOUM, 2019, p. 10), representavam os sonhos destruídos de uma geração, despedaçando também os sujeitos.

Nesse sentido, verificaremos como a repressão impactou a vida desses jovens universitários no romance de Hatoum e a relação do período ditatorial representado no enredo com a História brasileira. Em seguida, descreveremos quais os mecanismos de sobrevivência foram adotados pelos personagens para conseguirem driblar de alguma forma a repressão e toda violência vivida. Por fim, proporemos uma discussão acerca da relação entre memória e escrita como forma de resistência, pautadas pelo processo de rememoração individual como maneira de dar sentido ao passado (SILVA, 2011), que ressoa na coletividade. Assim, ao escrever, o sujeito reelabora os acontecimentos históricos e atenua, de alguma forma, os impactos sofridos na busca de ressignificar sua história e reinventar sua cotidianidade.

1 Microcosmo da nova república e da resistência

A atmosfera criada por Hatoum em *Pontos de fuga* permite-nos perceber uma tensão na cotidianidade dos personagens, representada pela descrição das cidades e das universidades, elaboradas arquitetonicamente para ajudar a manter o controle das pessoas, conforme vai sendo apresentado no enredo. A tensividade é marcada, ainda, pelo comportamento dos jovens estudantes, seus familiares e professores diante da repressão. Há um vai e vem nas cidades, bairros e países e um silenciamento, o qual leva muitos personagens a uma sensação de impotência diante do caos instalado.

Inicialmente, o enredo enfatiza a pressão sofrida por professores e estudantes da UNB no Distrito Federal, os quais tiveram seus direitos básicos de reflexão, discussão política e arte restritos a uma única forma de pensar, levando quem discordasse a ser fortemente punido. Aqueles que ousaram resistir, de alguma forma tiveram seus sonhos interrompidos tendo que, posteriormente, viver na clandestinidade ou exilar-se. A trama se desenrola a partir da fuga de Martim para São Paulo após a prisão de seus colegas membros da *Tribo* – revista organizada por um grupo eclético de estudantes e atores amadores da UNB, por meio da qual manifestavam suas críticas ao governo. O periódico, portanto, representa essa união de diferentes sujeitos que se constituem e fazem constituir o outro, à medida que se unem para sobreviverem em meio a um período em que todos são atingidos de alguma forma e que, por isso, é preciso buscar a liberdade e o restabelecimento da democracia.

A despeito de fugir por receio de uma possível detenção, por ser um dos colaboradores da revista, em todo o desenrolar dos fatos, sua maior preocupação é com respostas sobre o silêncio e o não contato de sua mãe (Lina) após rompimento com seu pai, Rodolfo. É como se Martim vivesse alheio ao mundo a seu redor; a dor da falta de sua progenitora é pulsante e angustiante para ele. Por meio das cartas e anotações em diários, os colegas e amigos enfatizam a angústia do protagonista, ressaltando a obsessão dele por respostas do paradeiro da mãe. Obsessão essa que o leva a ter uma memória fugidia, sempre a oscilar entre o esquecimento e as alucinações. Quando morava em Brasília, por exemplo, sua mãe tentou fazer contato, porém algo não explicado os impede de se encontrarem. Isso intensifica sua busca, fazendo com que seu objetivo seja obter respostas sobre o desaparecimento de Lina, em meio ao contexto de repressão, censuras, ataques às universidades, professores, estudantes, demais cidadãos e exílio.

Dentre seus amigos, apaixona-se por Dinah, estudante e atriz que se destaca por sua postura contra a repressão indo a passeatas, fazendo trabalhos voluntários, usando a arte para criticar o regime ditatorial do governo e pedir pela volta da democracia. Possuem um relacionamento conturbado, mas seguem em contato, de sorte que entre ausências de perguntas e respostas sobre a militância de Dinah, continuam a manter um vínculo afetivo em meio a repressões, prisões e fugas. Temos, ainda, no enredo, mais alguns personagens que se sobressaem pela luta social e política contra a ditadura, são eles: Lázaro (desaparecido como Lina), Nortista, Jorge Alegre e Damiano Acante. Mas, é sob o ponto de vista de Vana, uma das integrantes da *Tribo*, que tanto Martim quanto os leitores são apresentados ao que aconteceu na noite fatídica em que a reunião para discussão sobre a próxima edição da revista, da qual eram colaboradores, terminou em terror, medo e fugas. Vejamos, a seguir, alguns trechos do que aconteceu com os estudantes que estavam na reunião:

Quando os policiais tentavam arrombar a porta do térreo, o Nortista pediu para a gente destrancá-la, ia saltar da marquise enquanto eles subiam a escada. Fabius desceu e destrancou a porta, e quando subia com os policiais, o maluco do Nortista saltou mesmo. Fabius disse que era filho de um embaixador, aí uma das bestas sanguinárias berrou, que ele podia ser filho de embaixador, ministro e até de um caralhão fardado, ia se fuder do mesmo jeito. (HATOUM, 2019, pp. 74-75)

Revistaram tudo, roubaram a super-8, o projetor, o filme, o gravador, os livros do nortista... E quando a gente saiu da prisão, os rumores circularam, rumores feios, que nem ruídos de ratazanas em nossos sonhos. Não descobri quem denunciou a gente. (HATOUM, 2019, p. 75)

Por meio desse relato, que se passa em 1972, no governo Médici, percebemos como o acontecimento inesperado impactou negativamente a vida de sujeitos que se reuniam para falar sobre literatura, organizar uma revista, elementos da ordem da cotidianidade para estudantes

universitários, artistas, poetas e tradutores. A truculência e a violência eram as “boas-vindas” dadas pelos agentes repressores, não havia conversa, negociação, nada do tipo. Primeiramente, batia-se, depois, se sobrevivessem, poderiam conversar ou barganhar a cabeça de alguém. No primeiro excerto, o pretérito imperfeito, de acordo com Luiz Tatit (2019), enuncia ao leitor a extensidade da violência sofrida pelo grupo. O uso da linguagem mais coloquial e das palavras de baixo calão descrevem a rotina dos agentes repressores, marcando uma forma de expressão mais truculenta. Já no segundo, há o predomínio do uso do pretérito perfeito, enfatizando o quanto tudo aconteceu rapidamente, de forma acelerada, sem que os estudantes pudessem reagir, ou compreenderem o perigo do que estava por vir. Conforme relatado, posteriormente, a vida deles não seria mais a mesma.

Somente escaparam daquela “noite tempestuosa” aqueles que não foram para a reunião, como Martim, ou os que saíram antes de terminar. Isto causa certo estranhamento e desconfiança entre o grupo, revelando que não é possível mais confiar, que se deve ter atenção, pois havia muitos infiltrados e delatores, que barganhavam com o governo a cabeça de amigos, colegas, parentes e/ou conhecidos.

A ditadura censurou, prendeu, torturou e matou, e também demitiu pessoas e impediu que outras estudassem em universidades. No entanto, é fundamental perceber também que a repressão foi temperada com arranjos e acordos, possibilitados pela existência de uma tradição cultural, mas, também, decorrentes de uma estratégia de controle político. (MOTTA, 2018, p. 105)

Tais barganhas eram validadas pelo Decreto 477³, que cerceava o direito de professores e estudantes, transformando as universidades e escolas em lugares inóspitos, de medo, insegurança e covil de delatores. Destarte, por meio dos diários dos amigos de Martim e de sua escrita, o leitor vai tendo contato com figuras que representam o período ditatorial brasileiro da época, toda violência sofrida pelos estudantes que eram contra as ações do governo.

Dentre os elementos de extração histórica incorporados pela narrativa, selecionamos a manifestação de 1973, na qual os estudantes protestavam a morte de Alexandre Vanucchi Leme – discente de geologia e militante da ALN⁴. Outra manifestação que chama atenção é a da PUC

³ Decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969 baixado pelo então presidente Artur da Costa e Silva durante o regime militar brasileiro. O decreto-lei previa a punição de professores, alunos e funcionários de universidades considerados culpados de subversão ao regime. Na prática, o processo a que se submetia o acusado era sumário. Os professores atingidos eram demitidos e ficavam impossibilitados de trabalhar em qualquer outra instituição educacional do país por cinco anos, ao passo que os estudantes eram expulsos e ficavam proibidos de cursarem qualquer universidade por três anos. A norma vigorou até 1979, quando foi revogada pela lei da anistia.

⁴ A missa de sétimo dia que os estudantes organizaram por Alexandre Vanucchi Leme pode ser considerada o primeiro protesto antigovernamental de grande porte da década de 70. Na Catedral da Sé, conduzida por Dom Paulo Evaristo Arns, figura respeitada até pelos generais, a celebração reuniu milhares de pessoas. Entidades da sociedade civil, que até então preferiam fechar os olhos, começaram a se levantar contra a tortura. Vista sob esse

de São Paulo em 1977, na qual Martim e seu colega Sérgio San são presos. Não há detalhes do que acontece após a detenção deles, mas a partir desse fato a trama toma um outro curso, pois todos os moradores da Fidalga⁵ precisam se separar e irem para o exílio, ou se esconderem. Nesse mesmo ano, Dinah é presa e torturada, o que leva Martim a tomar, por um tempo, uma postura diferente: é a primeira vez que ele parece sentir o peso da violência ditatorial, já que antes o que lhe causava maior impacto era a falta da mãe.

Na trama de Hatoum, as passagens referentes as passeatas e manifestações dos estudantes são citadas apresentando a força histórica que tiveram as organizações estudantis nesse período e, ainda, como esses eram tratados pela repressão. Segundo Elio Gaspari (2004), enquanto alguns lutavam contra o sistema político ditatorial, pedindo a libertação de presos políticos, o restabelecimento da democracia e a justiça para aqueles torturados e desaparecidos, outro grupo se unia a eles, com outras reivindicações. Em *Pontos de fuga*, por exemplo, Martim, vai a uma dessas manifestações empunhando um cartaz em que estava escrito “O rosto da mãe enche a sala” (HATOUM, 2019, p. 269). Ser estudante, portanto, era um desafio já que na obra, assim como na história, havia uma mistura de pessoas e ideais que se uniam em busca de liberdade e de respostas sobre os desaparecimentos de familiares.

É nesse contexto de resistência, protagonizada por universitários de todas as classes sociais que se desenrola a trama de Hatoum. De um lado, há aqueles com formação política que compreendem a situação do país e lutam por liberdade; de outro lado, aqueles que querem ser livres, querem ter suas vidas retomadas, mesmo que não compreendam ou não queiram compreender o que está acontecendo.

2 Os sonhos de uma geração: liberdade e formas de sobrevivência

Destacaremos nesse tópico como os estudantes da obra de Hatoum se organizaram em meio ao caos político do período ditatorial brasileiro, tentando buscar liberdade, manter seus sonhos e enfrentar, cada um a seu modo, a repressão. O medo é instalado fortemente, porque não há em quem confiar e a mão do Estado pesa sobre aqueles contrários ao regime político vigente. Nesse contexto, há na escrita de diários uma força motriz que ajuda o sujeito a elaborar os acontecimentos vividos. Como explicitado por Hatoum (FONSECA JUNIOR, 2021), era

ângulo, a morte do estudante pode ser considerada historicamente tão importante quanto a do jornalista e professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP Vladimir Herzog, morto pelos militares dois anos depois. Cf. Menezes (2004).

⁵ Pequeno sobrado amarelo usado como república em que moravam alguns estudantes da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) e artistas: Sergio San, Ox, Mariela, Laísa, Marcela, Anita, Julião e Martim.

comum a escrita de diários em sua juventude e, em contato com os diários dos amigos e a releitura do seu já na vida adulta, foi possível o resgate da memória individual e coletiva. Isso também acontece na narrativa, pois Martim faz anotações e as reescreve à medida que lê cartas e diários de seus amigos, como forma de tentar compreender os acontecimentos que atropelam a todos.

Iniciaremos a descrição por Lélío (Nortista), que veio de Manaus para estudar em Brasília e em suas características físicas e costumes representa o Norte do Brasil. É um dos mais engajados politicamente. No dia da reunião fatídica da *Tribo*, apesar de tentar fugir, foi capturado, preso, torturado e liberado pelos militares após três dias de detenção. Hesita em falar sobre sua tortura, mas, ao longo do seu percurso, nos leva a refletir sobre o que fazer após o cárcere, uma vez que não é mais estudante, por não poder voltar a faculdade, e nem é engenheiro, já que não pode concluir seu curso superior.

Além disso, é difamado pelo Cel. Zanda⁶, tanto em Manaus quanto em Brasília, sendo acusado de subversão e estupro. Como exilado tem dificuldade em trabalhar para se sustentar, usando a escrita de cartas para expor suas dores do corpo e da alma, pois teve seus sonhos interrompidos. Quando volta ao Brasil, continua tendo que viver clandestinamente, pois ainda corre perigo. Apesar do medo, enfrenta e adota a causa de combate à repressão, se constituindo como um sujeito da clandestinidade, reinventando sua forma de viver.

Em *Pontos de fuga*, ele é o que mais dialoga com Martim, pois no exílio, procura saber sobre Lina e vai lhe passando as informações que consegue. Em seus relatos comenta sobre as formas de resistências fora do Brasil e os problemas enfrentados pelos jovens revolucionários da época. Traz fatos da história do Brasil e do Chile, já que seu exílio se deu antes do golpe sofrido por Salvador Allende, fazendo-o experienciar toda tensão do período, as mortes de estudantes, a Anistia, etc. Ao final do livro, Martim ressalta sobre sua confiabilidade e sua relação com Lélío (Nortista), que mesmo distante sempre esteve por perto, mantendo diálogos por meio de cartas e bilhetes, além de ajudá-lo em busca de respostas sobre o desaparecimento de sua mãe.

Dinah - artista engajada pelas causas sociais - grande paixão de Martim, é ativa entre a representação e a clandestinidade das ações contra a ditadura, contando sempre com seu amigo Lázaro, o qual desaparece sem deixar vestígios, assim como o Geólogo e Lina. É a última a ser

⁶ Candidato a prefeito de Manaus, o coronel tem amigos em Brasília, entre eles a baronesa Aurea, para quem trazia algumas “encomendas” de Manaus quando visitava a capital do Brasil. Os “doços de cupuaçu”, nome dado aos baseados, eram distribuídos aos deputados pela baronesa como uma forma de manter boas relações com o poder.

capturada (novembro de 1977), delatada para os militares ao enviar uma carta a um ator com quem trabalhava em São Paulo e que se fazia presente em seus atos políticos. À medida que temos contato com as histórias dos outros personagens, vai sendo evidenciada a questão da delação partindo de alguém próximo, como no caso de Jorge Alegre, por exemplo, que foi entregue pelo poeta da igreja, um camarada, amigo.

A atriz passa muito tempo na prisão e, quando sai, “sente o medo brasileiro” (HATOUM, 2019, p. 288). Experimenta o terror imposto pela tortura e, conforme descrição de sua mãe, emudece pela primeira vez. Quando consegue falar revela: “Senti a morte dentro de mim, e em vários momentos preferi a morte. Estou destruída” (HATOUM, 2019, p. 288). Pela fala da personagem, percebe-se que aquela moça cheia de sonhos e inabalável em sua estrutura ideológica, que usava a arte para se posicionar contra a repressão, foi silenciada e teve seu corpo e sua alma despedaçados, dada a violência que sofrera.

Eurídice Figueiredo (2017), ao abordar a violência sofrida por aqueles que enfrentaram o sistema político autoritário, chama atenção para o fato de que “além das sequelas físicas, a tortura deixa sequelas psíquicas e emocionais, com a desestruturação da personalidade que pode levar o sujeito à loucura ou ao suicídio” (FIGUEIREDO, 2017, p. 83). Relacionando a citação com a fala de Dinah, podemos observar a dilaceração psíquica e física causada pela brutalidade dos agentes. As afirmações sobre sua destruição e seu desejo pela morte revelam a intensidade do impacto moral que a tortura inflige ao sujeito. É mais que uma dor física, é uma dor na alma que impede o torturado de elaborar o trauma, se reerguer moralmente diante da sociedade ou continuar a viver.

Em síntese, é difícil descrever a forma inadmissível e desumana com que os presos políticos eram tratados; um desses exemplos é o silêncio sobre os pormenores da tortura dos personagens em Hatoum. Quando Martim é preso pela segunda vez, revela a um de seus amigos a truculência usada com os detidos: “Ninguém dorme na cela, Julião. Os presos desmaiam, se apagam. É a pausa da desgraça” (HATOUM, 2019, p. 274). Em nota no diário, Julião, frisa que mesmo não havendo marcas visíveis da tortura no corpo do amigo, em seu rosto a tristeza só aumentou.

Segundo Ginzburg (2010, p. 133), o processo histórico de violência facilitou a instalação do regime ditatorial brasileiro, formando uma sociedade sob o peso da truculência, a qual traz em seu cerne consequências latentes. Nesse viés, o silenciamento sobre as ações violentas do período ditatorial brasileiro, produz a repetição e normalização, na contemporaneidade, de uso da agressão para resolver quaisquer conflitos, impondo aos sujeitos uma falsa normalidade no

ato de aniquilar o outro. Para Maria Rita Kehl (2010, p. 126), a radicalidade das práticas infames e da falta de reparação às vítimas, torna a ditadura brasileira uma das mais cruéis da América Latina.

Ao voltarmos nosso olhar para Martim, podemos descrevê-lo como aquele que não consegue ou não deseja, inicialmente, compreender o contexto político e social da época, já que se esconde, não se envolve. Vive a atonia da militância, representando o alheamento político e o medo que paira no ar pelas ações do Estado. Está entre os militantes, mas não é um deles. Seu contato inicial com a violência repressiva do Estado se dá por meio do acaso: das duas prisões, por exemplo, uma foi por ter dormido no bote no lago Paranoá e ir parar próximo ao Palácio. Depois, no movimento da USP, quando buscava respostas para o desaparecimento de sua mãe, enquanto os outros estudantes pediam a volta da democracia.

Desse modo, apesar de não ser considerado militante, convive com eles e vive como eles quando exilado. É preso e torturado, mas mantém certo silêncio sobre o que aconteceu em sua última detenção; tem a mãe desaparecida; no exílio entrega panfletos, ajuda as instituições que colaboram com filhos de desaparecidos, acolhe militantes. Sempre é ajudado misteriosamente a sair das situações. Sua preocupação maior, mesmo diante do caos instaurado (as prisões e torturas sofridas por seus amigos, colegas, professores e por ele mesmo) é em entender por que foi abandonado misteriosamente por sua mãe. Isso o leva a um definhamento psicológico e físico, fazendo com que busque na escrita uma possibilidade de rememorar aquilo que está escondido. Assim, Martim escreve e reescreve suas próprias memórias e de seus amigos, em busca de uma melhor compreensão dos acontecimentos que o atropelaram.

Apesar de não ficar claro se a mãe de Martim é uma desaparecida política, como em alguns momentos se suspeita, dado o desenrolar da trama, ela pode ter sido vítima de algum tipo de violência promovida por uma postura truculenta de Rodolfo com apoio de agentes repressores. No último capítulo, tanto Damiano quanto Ondina (avó materna de Martim) dão pistas de que Lina está viva, apesar de não poder se comunicar e viver em sofrimento. Tal fato revela uma possível relação com os casos de desaparecidos políticos ou mesmo aqueles que viviam exilados ou clandestinamente por se oporem ao regime político brasileiro. Dessa forma, a escolha narrativa em *Pontos de fuga*, faz emergir um efeito de subjetividade e deslocamento do individual para o coletivo, reforçando a ideia de impacto no cotidiano da população do país, contrariando as negações reverberadas ao longo da história.

Os moradores da Fidalga apresentados aqui, assim como muitos jovens da época, buscam na arte e na literatura forma de resistências; alguns, com mais ações efetivas contra a

repressão, participando de grupos, indo a passeatas; outros, com suas lutas interiores, encontrando-se encurralados pela situação política que afetava direta e indiretamente a todos. De estudante a exilado; atriz e militante à prisão domiciliar e emudecimento, todos precisam reinventar formas de sobrevivência física e política para resistirem ao período nefasto em que se encontram, podendo contar apenas uns com os outros, ainda que a desconfiança seja predominante.

3 A escrita como resgate da memória

No contexto contemporâneo, segundo Eurídice Figueiredo (2017), as literaturas sobre a ditadura brasileira e as escolhas narrativas dessas têm se apresentado como forma de arquivo sobre um passado silenciado, uma vez que a nova maneira de narrar traz à tona um período de agruras que, por meio da ficção, permite ao leitor ter contato com um passado silenciado, omitido pelos agentes do poder e seus apoiadores. Sob esta perspectiva, “obras literárias podem corresponder a intervenções de resistência, na medida em que constituem interpretações da História a partir de lugares de enunciação diferentes dos que estão estabelecidos como aceitáveis pelas instituições de controle social” (GINZBURG, 2012, p. 212).

Narrar como espaço para rememorar acontecimentos traumáticos adquire o sentido de fazer ecoar as vozes silenciadas, podendo apresentar um ponto de vista diferente daquele perpetuado ao longo dos anos pelo Estado. Essa rememoração está atrelada, de acordo com as discussões de Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 42), ao objeto de lembrança da memória subjetiva, permitindo, assim, um deslocamento de concepções ao abrir espaço para outras possibilidades, passando a existir um campo vasto de interpretações. A memória, então, como lugar de tensão entre presença/ausência “presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente” (GAGNEBIN, 2009, p. 44), surge como lembrança constante do evento que se quer esquecer e tem na escrita uma possibilidade de catarse e luto de uma lembrança traumática, ou mesmo, de justiça social para aqueles que foram silenciados pelo sistema opressor.

No enredo, há pistas de que Martim sabe de muita coisa, mas sua memória possivelmente tenha bloqueado as respostas. Sua avó o questiona sobre ele não querer lembrar de fatos de sua infância no que concerne ao relacionamento de seus pais, que poderiam explicar o desaparecimento de sua mãe: “Tua memória sabe esconder certas coisas” (HATOUM, 2019, p. 17). De todo modo, “a memória é sempre ‘imperfeita’, no sentido de sua incapacidade de

comportar as ‘agudezas’ da experiência, enquanto acrescenta ressignificações” (SILVA, 2016, p. 141). Martim vive em estado de suspensão, em um casulo de uma infância “perfeita” que foi bruscamente interrompida pela separação dos pais, abandono e desaparecimento da mãe. Para isso, ele escreve, reescreve, lê os diários furtados dos amigos, relê cartas e bilhetes recebidos, numa busca incansável por respostas e para suprir a falta e o silêncio materno. Apropriar-se de outras memórias é um movimento do sujeito em sofrimento, que não consegue, sozinho, dar sentido aos acontecimentos e rememorar o trauma. Desse modo, podemos inferir que essa escolha narrativa em Hatoum, “transmite uma memória coletiva ao mesmo tempo em que trabalha nos arquivos para dar testemunho do que existiu no passado” (FIGUEIREDO, 2017, p. 42).

No que concerne a rememoração, César Figueiredo (2020, p. 225) ressalta nos estudos de Michael Pollak (1948-1992) a discussão a respeito da intencionalidade ou não do esquecimento, pois ao rememorar o sujeito é lançado mais uma vez ao passado que deseja esquecer. Propositalmente ou não, no romance, o personagem protagonista-narrador tenta, ao reescrever a memória dos amigos e a sua, preencher determinadas lacunas da história não contada. Como ele mesmo afirma: “A memória é uma voz submersa, um jogo perverso entre lembrança e esquecimento” (HATOUM, 2019, p. 182). Nesse ínterim, as faces da ditadura, como prisão, tortura e exílio, são apresentadas como um *continuum* na vida dos jovens estudantes do romance, sendo os lampejos da memória de um o elo com as reminiscências dos outros, todas registradas em forma de diário ou cartas. Ao narrarem os acontecimentos relacionados à repressão, fica evidente o temor e o silêncio, pois nem sempre a linguagem consegue expressar a experiência do vivido.

Parafraseando Mirvana Teixeira (2021, p. 181), o medo é uma das estratégias do Estado repressivo cujo objetivo é aniquilar o sujeito e privá-lo de poder fazer algo contra a ditadura. No entanto, enquanto de um lado há a repressão exacerbada e, de outro, um medo gradual que se intensifica diante dos acontecimentos que aturdem o sujeito do fazer, conforme discutido por Juan Alonso (2005), vai emergindo uma posição política que pode ser ativa ou passiva. Ativa para os sujeitos que assumem uma forma de vida de resistência e luta política. Passiva para aqueles que no cotidiano encontram maneiras de fazer oposição mais discretas. Ou seja, os sujeitos menos ativos politicamente adquirem competências para, diante do caos, burlar o sistema e realizarem um fazer, mesmo que quase imperceptível.

Dessa forma, a atonia pode vir representada pelos disfarces de ações mínimas em favor daqueles que possuem maior expressão na luta diante dos acontecimentos. Alguns sujeitos,

mesmo privados e cercados pelo não poder fazer, acabam buscando na escrita uma forma de resistência. Escrever, então, torna-se uma tentativa de se posicionar, mesmo que inconscientemente, contra o sistema vigente. Nesse sentido, ao determos nosso olhar em Martim, notamos que ele busca um resquício que seja de clareza para o desaparecimento de sua mãe e o silêncio de seus familiares, por meio da reescrita das reminiscências. Em síntese,

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Nessa direção, atropelado pelos acontecimentos políticos sociais brasileiros, Martim procura de alguma forma relacionar o desaparecimento de sua mãe com o que está acontecendo/aconteceu com seus colegas e professores, uma vez que o período era de desaparecimentos inexplicados. Tal fato reforça as inquietudes do filho que procura a mãe, o qual comenta em determinada passagem do texto que sua necessidade de escrever o ajudava a recuperar a memória fugidia e opaca, que o traía a todo instante (HATOUM, 2019, p. 182).

Ao refletir sobre a memória enquanto construção do presente, Luiza Silva (2011, p. 52), afirma que as reminiscências são uma necessidade, no momento atual, de tentar compreender e reelaborar o que de fato aconteceu no passado, já que “a memória é, assim, resultante de um modo presente de interpretar, de olhar para os acontecimentos passados”. Pois, dado o impacto do inesperado o sujeito não consegue tornar inteligível as circunstâncias do que sofrera e é no presente que busca reelaborar os fatos vividos de forma a ter clareza dos acontecimentos.

Sob esse viés, a escrita se configura como uma possibilidade de resistência, uma vez que, ao rememorar, é possível viver o acontecimento com uma intensidade tal qual foi da época e, ao narrar, o sujeito se posiciona diante da catástrofe vivida, apresentando seu ponto de vista sobre a história por vezes silenciada. Para isso, Hatoum, assim como outros escritores contemporâneos, tem usado da “fragmentação e intercalação de acontecimentos dramáticos determinantes em meio a outras cenas, com significativas oscilações temporais e espaciais” (CURY, 2020, p. 60).

Segundo Gínia Maria Gomes (2021, p. 18), por meio da escrita e reescrita de memórias dos personagens, Hatoum, além de preservar as reminiscências que se tenta manter em suspenso, também “dá túmulo a mortos e desaparecidos e, realiza um luto em suspenso, elaborando o trauma da história nacional que ainda nos assombra”. Nesse sentido, podemos relacionar o esquecimento do personagem principal, o alcoolismo, a depressão e todo o

sofrimento causado pelo silêncio materno – descrito no romance – como uma tentativa do sujeito do sofrer de viver um luto, mesmo sem um corpo ou uma resposta sobre o desaparecimento de sua mãe.

A escrita, então, torna-se o lugar em que Martim tenta compreender a si mesmo e ao outro. Nesse lembrar, apossa-se de outras vozes, em um deslocamento estratégico apontado por Ricardo Piglia (2001) como uma nova forma de narrar o evento traumático. Também é pelo acesso aos diários e cartas que ele conhece fatos sobre o período ditatorial e o que aconteceu com seus amigos e colegas, sendo o porta voz desses, ao reescrever as histórias que se entrelaçam. Conforme Figueiredo (2017, p. 42), essa literatura pode vir a ser a expressão de uma sociedade que não passou seu passado a limpo. Essa escolha narrativa, em Hatoum, permite-nos observar as vivências e sentimentos de fraqueza e impossibilidade do ser humano diante dos acontecimentos históricos que interferem bruscamente no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, essa opção parte de uma voz individual que faz ecoar várias outras vozes, ressoando na coletividade da época.

Considerações finais

No romance de Hatoum, aqui analisado, buscamos apresentar como o período ditatorial exposto na obra mudou bruscamente a vida de estudantes, além de vários brasileiros, não somente aqueles que eram militantes políticos, uma vez que o autor nos apresenta no desenrolar da trama um grupo de jovens que tem a vida fortemente impactada pela repressão.

Deste modo, o protagonista busca por respostas sobre o que realmente aconteceu com sua mãe e, enquanto isso, vai se configurando em um sujeito dilacerado ao tentar obter indícios diante do pacto de silenciamento daqueles que o rodeiam e até mesmo de sua memória. Assim, o poder fazer algo contra todo um sistema se configura em colaborar com outros exilados, distribuir folhetins para ajudar filhos de mães desaparecidas, enquanto escreve e reescreve suas memórias se entregando ao álcool e a solidão.

Desse modo, a obra de Hatoum aponta para uma desconstrução da memória e reconstrução a partir da coletividade, permitindo ao leitor compreender a atmosfera da época. Nesse sentido, há uma circularidade de negação da repressão, ao passo que a mesma se intensifica, inicialmente, de forma silenciosa, quase imperceptível, até tomar uma proporção outra de ações mais truculentas e exacerbadas, impedindo os sujeitos de manifestarem qualquer reação. Nesse movimento circular de negação, pressão, medo, silenciamento, tortura,

desaparecimento, mais silêncio e negação constrói-se o espaço do medo e da possibilidade que impede uma nação de se erguer democraticamente.

Do Brasil à França, Martim vive muitas violências – físicas, psicológicas e simbólicas. Esse é um dos grandes ganhos de Hatoum: a vida do protagonista foi a vida de muitos estudantes como ele no período militar, os quais tiveram a juventude bloqueada, paralisada, detida pelo regime político. (TEIXEIRA, 2021, p. 197)

Diante de toda essa impossibilidade do sujeito, segundo Juan Alonso Aldama (2005), a escolha pela não resistência é uma tomada de posição que a nega. E é precisamente por meio dessa negação que se afirma uma outra forma de resistir, que são as pequenas ações, quase imperceptíveis, as quais levam o sujeito do não poder fazer a um fazer mínimo que pode desencadear em heroísmos silenciosos e discretos. Sob este ponto de vista, podemos inferir que os estudantes, sujeitos do fazer em Hatoum, cada um a seu modo, enfrentaram da forma que puderam e que sabiam as questões políticas vigentes no período ditatorial brasileiro, seja confrontando diretamente o Estado, seja ajudando discretamente militantes e amigos ameaçados pela repressão.

Referências

ALDAMA, Juan Alonso. Modelos semióticos e estratégicos. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 10, p. 87-98, 2005.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Memória e resistência: figurações da ditadura na literatura brasileira contemporânea. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (orgs). *Literatura e ditadura*. Porto Alegre, RS: ZOUK, 2020. p. 59-72.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. O ensino de Sociologia e a Memória. In: BRUNETTA, Antônio Alberto (org.) et al. *Dicionário do ensino de sociologia*. Maceió, AL: Café com Sociologia, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FONSECA JUNIOR, Alexandre Luiz Ribeiro da (org.). *Literatura brasileira contemporânea, história e memória: diálogos com Milton Hatoum*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hYNradRPdzc> Acesso em 12 jul. 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever e esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira. *Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane*, v. 2, p. 199-221, 2012.

GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 133-149.

GOMES, Gínia Maria. A ficção brasileira contemporânea: rastros de um passado de agruras. In: GOMES, Gínia Maria (org.). *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI*. Porto Alegre: Polifonia, 2021, p. 9-20.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir (orgs.). *que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132.

MENEZES, Maria Eugênia de. Dias de indignação. *Jornal da USP*, Comunicação Social, n. 672, s/p, 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2004/jusp672/pag06.htm> Acesso em 5 set. 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades e cultura na ditadura militar brasileira. *Estudios del ISHiR*, v. 20, p. 92-106, 2018.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el próximo milênio. *Cuadernos LIRICO* [En línea], 9 | 2013, Puesto en línea el 01 septiembre 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lirico/1101> Acesso em 10 out. 2019.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Memória da Guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, Conrado Moreira; LARA Gláucia Muniz Proença (orgs.). *Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg*. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. O passado que se faz presença: uma leitura de *Meu primeiro picolé*, de José Francisco da Silva Concesso. Revista *EntreLetras*, nº 2 – 2011/I, p. 49-58.

TATIT, Luiz. Bases do pensamento tensivo. *Estudos Semióticos*, v. 15, Edição Especial, p. 11-26, 2019.

TEIXEIRA, Mirvana Luz. Narrativa e resistência: as faces da ditadura militar em *A noite da espera*, de Milton Hatoum. In: GOMES, Gínia Maria (org.). *Vozes da resistência: ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI*. Porto Alegre: Polifonia, 2021, p. 177-200.

*Recebido em 20 de julho de 2021
Aceito em 25 de outubro de 2021*